

OUVERTURE_PRE.LÚ.DI.O

(TRANS)LOCALIDADE E CULTURAS URBANAS

Ana Salgueiro . Duarte Santo

Cosmopolitanism without provincialism is empty, provincialism without cosmopolitanism is blind
Ulrich Beck, *Cosmopolitan Vision*

Translocality draws attention to multiplying forms of mobility without losing sight of
the importance of localities in peoples' lives
Oakes and Schein, *Translocal China, Linkages, Identities and the Reimagining of Space*

O que é hoje a cidade, para nós? [...]. As cidades são um conjunto de várias coisas: de memórias, de desejos, de sinais de linguagem; as cidades são lugares de permuta [...], mas essa permuta não se reduz apenas a trocas de mercadorias, são trocas de palavras, de desejos, de recordações
Italo Calvino, *As Cidades Invisíveis*

Refletir hoje sobre o que é a *cidade* e o *urbano* ou sobre o que é a *localidade* no mundo contemporâneo (e suas respetivas culturas) passa por colocar estes conceitos, fenómenos, experiências e geografias em correlação com outros que lhes são alternativos e/ou complementares, como sejam, por exemplo, *campo, rural, região, nação, globalização ou cosmopolitismo*. Isto, sem esquecer a potencialidade conflitual e o poder transformador e hibridizante que, em qualquer um deles, assumem as complexas dinâmicas quer da mobilidade humana e cultural, quer da transferência e da atualização local desses sujeitos, desses fenómenos, desses objetos e/ou desses valores em movência, com os quais o quotidiano vai (re)tecendo as suas malhas. Neste quadro, *cidades e localidades, culturas urbanas e locais*, tal como a reflexão sobre o que umas e outras são (foram e serão) constituem-se como fenómenos em aberto, como geografias e *discursos-pensamento* em permanente recriação e reequação. Motivo suficiente para que a revista TRANSLOCAL. *Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas* tivesse considerado ser oportuno, no seu primeiro número anual, retomar a equação desses temas, desafiando investigadores, artistas e agentes culturais de diversas áreas e proveniências geográficas, a repensar e a discutir, uma vez mais e agora a partir da lente da *translocalidade*, o que são, hoje, os *sistemas ecossocioculturais* urbanos e locais, assim como a própria reflexão crítica e o conhecimento teórico-conceptual que, sobre eles, têm sido produzidos, reproduzidos e/ou questionados.

O caráter catastrófico, fragmentário e palimpséstico que Walter Benjamin (2003) identificou na experiência da temporalidade moderna, a liquidez que Zygmunt Bauman (2012) diagnosticou na modernidade tardia, ou a reflexividade crítica que Ulrich Beck (1994) também apontou no contemporâneo revelaram a falácia de conceções exclusivamente lineares e progressistas de tempo; de perspetivas deterministas e meramente

materiais do espaço (Lefebvre, 1991; Massey, 2005; Harvey, 2009); de paradigmas estanques e estáticos de fenômenos como a fronteira, a construção identitária ou a comunidade (Agamben, 1993; Nancy, 2000).

Neste sentido, sendo experienciada e pensada como geografia difusa e fragmentária, a cidade reconfigura-se, metamorfoseando-se em espaço urbano transgênico e centrífugo (Domingues, 2010). De conjunto homogêneo e monocêntrico com fronteiras claramente definidas (e defendidas), passa a ser percebida como sistema policêntrico, pensado e vivido como *lugar-tempo* expandido e instável. Uma unidade orgânica, densa, contaminada e em turbulenta metamorfose (Crang, 2000); uma tessitura física, social, política e cultural fragmentária, tensional e não-homogênea, onde o limiar com o rural e com o estrangeiro se dissolve e onde diversas temporalidades se implicam, numa trama que, de forma raramente passiva ou pacífica, vai sendo permeável ao estranho, à diferença e ao novo, enquanto se vai também *construindo/destruindo/reconstruindo* como corpo autofágico, gasto pela usura do tempo e, em continuada reinvenção, nutrida com as próprias ruínas do seu passado (Domingues, 2010). *Cidade e urbano* configuravam-se, portanto, como palimpsestos e arquipélagos, marcados por dinâmicas que ultrapassam o que vulgarmente se entende por local, i.e., um *aqui-agora imediato*, lido apenas à superfície e sem ter em atenção a profundidade histórica, as irregularidades socioeconômicas, as densidades e fraturas político-culturais, assim como as suas extensões transfronteiriças. Portanto, *cidade e urbano conformam-se* (quase diríamos *deformam-se*, pela efemeridade e pela instabilidade de forma que assumem) como sistemas rizomáticos, cuja fluidez encontra pontos de ancoragem ou cristalização plurais e provisórios, extensíveis para além das clássicas muralhas físicas da cidade, para além do agora e para além das normas que nesses múltiplos *aqui-agora* foram sendo dominantes.

A par com esse entendimento do que é a cidade contemporânea, também *translocalidade* e *translocal* surgiram, nos últimos anos, como renovação conceptual de termos que, como referimos anteriormente, lhes são tangenciais. Sujeitos à usura do tempo e à alteração fenomenológica, histórica e contextual, *local*, *localidade* ou *localismo*, enquanto conceitos operativos, tornavam-se limitadores quer na reflexão sobre os *sistemas ecossocioculturais* contemporâneos, quer na construção de respostas para as interrogações e para os desafios que o Presente colocava. A crescente (ou, pelo menos, mais visível) vaga de processos de mobilidade humana e cultural era intensificada com o desenvolvimento tecnológico, com o aparecimento de novos *media* e (com estes) de renovadas modalidades de comunicação e de relação interpessoal, intercultural e económica, agora também marcadas pelo virtual, pela simultaneidade transfronteiriça e por experiências mais complexas de espaço e tempo (Beck, 2007; Greenblatt, 2010). O paradigma oitocentista do Estado-Nação - tantas vezes reproduzido, a uma escala menor, no paradigma da Região - esgotava-se (Sousa Santos, 1999), exigindo a reequação dos processos de identificação política e geocultural, das narrativas identitárias e das relações de pertença comunitária (Agamben, 1993; Nancy, 2000). Simultaneamente, a tendência hegemónica da globalização, a vertigem do desenraizamento cosmopolita, a violência implicada na movimentação em massa dos deslocados de guerra ou de migrantes laborais oriundos de regiões em profunda crise socioeconómica, potenciavam uma profunda desestabilização e pulverização das narrativas identitárias.

Deste modo, *translocalidade* surgia como conceito capaz de traduzir, com maior rigor e profundidade, a experiência contemporânea da *localidade*, desconstruindo a dicotomização radical que se estabelece, não raras vezes, quer entre o que é *local* e *nacional*, quer entre o que é *local* e *global* ou *cosmopolita* (Greiner e Sakdapolrak, 2013). *Translocalidade* passava a reportar-se, então, a experiências e fenômenos culturais, sociais, políticos, históricos, económicos, artísticos ou até biológicos, geofísicos, psicológicos e afetivos implicados em dinâmicas de trânsito, de flutuação, de transferência, de contágio, de fusão e de metamorfose, sem que, porém, esses fenômenos e experiências decorressem de uma desterritorialização absoluta, ou de um radical desenraizamento temporal que os projetassem irremediavelmente para fora de um *aqui-agora* ainda que precário. Enquanto o prefixo *trans-* sinalizava o caráter dinâmico, transformativo, relacional e transgressivo dessa modalidade contemporânea de experienciar e pensar o *local*, por seu turno, a reapropriação

etimológica de locus na construção do neologismo *translocalidade* sublinhava que essa flutuação ou deriva, tal como a (con) fusão de fronteiras delas decorrentes, não se esgotavam em si mesmas, permitindo/exigindo formas provisórias e híbridas de fixação ou cristalização.

Neste quadro, regressar ao *local* e à *cidade*, para os repensar criticamente, observando a articulação das diferentes escalas e temporalidades que neles se cruzam, surgia como tentativa de resposta aos abalos e crises acima referidos. Exigia-se, no entanto, uma nova conceptualização e, consequentemente, a sua tradução numa nova terminologia, que ultrapassasse o confinamento das fronteiras do *local* e da *cidade* a um enraizamento estático, físico, geográfico e *monotemporal*. Como notam Katherine Brickell e Ayona Datta (2011: 3-4), na senda de autores como Arjun Appadurai (2003), *translocal* e *translocalidade* designam, portanto, geografias e processos “place-based rather than exclusively mobile, uprooted or ‘travelling’”.

É desta complexidade e das múltiplas aporias que definem o conceito contemporâneo de cidade, a experiência atual do urbano, as diversas modalizações da (trans)localidade, ou as dinâmicas culturais do Mundo Presente que nos falam os 17 trabalhos agora publicados no n.º 1 das edições anuais da revista TRANSLOCAL. *Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas*. Distribuindo-se por 7 secções (**Ensaio Visuais; Ensaio; Artigos | Do Funchal; Artigos | Por outras Coordenadas; Olhares Cruzados; Diálogos; e Sugestões de Literatura**), esses trabalhos, onde o contemporâneo se assume como um período dilatado entre o século XIX e a atualidade, revisitam espaços urbanos tão distantes/distintos quanto Câmara de Lobos, Estarreja, Funchal, Porto, Porto Santo e São Vicente, em Portugal; Cochim e Siliguri, na Índia; Atenas, na Grécia; Demerara, Medellín e Rio de Janeiro, em várias regiões da América Latina.

Deste modo, a presente edição cobre uma vasta área geográfica e temporal, de que não se excluem os espaços virtuais da *World Wide Web*, com a sua cartografia hipertextual, oscilante entre dinâmicas temporais sincrónicas e acrónicas que desmantelam os padrões cronológicos. A esta transversalidade espaço-temporal de objetos de estudo e de reflexão crítica, junta-se a polifonia discursiva, manifesta tanto na opção por publicar colaborações em duas línguas (português e inglês), quanto na pluralidade de perspetivas de abordagem seguidas, na medida em que os autores publicados neste número se encontram (a) filiados a diversos lugares e instituições dispersos pelo Mundo (Brasil, Escócia, Espanha, EUA, Grécia, Inglaterra, Itália, Portugal), e afetos a diversos enquadramentos disciplinares e teórico-conceptuais: desde as áreas criativas da Fotografia, da Arquitetura e da Literatura, até às disciplinas da Geografia, da História, da História da Arte, da Filosofia ou da Psicanálise, e atravessando áreas híbridas do conhecimento contemporâneo como os Estudos de Cultura, o Urbanismo, os Estudos de Desastre, a Didática ou os Estudos de Cinema. Verifica-se, assim, que apesar de todas as idiosincrasias locais e históricas ou à revelia das múltiplas variantes disciplinares e lentes teórico-conceptuais adotadas, o fenómeno, a experiência e as problemáticas da *translocalidade* marcam hoje, efetivamente, os sistemas ecossocioculturais locais e urbanos, assim como a densidade do contemporâneo, revestindo-se, por isso mesmo, de um alargado interesse crítico, criativo e científico.

O n.º 1 da revista abre com três **ensaios visuais**, particularmente incisivos no modo como abordam e discutem questões fundamentais relativas quer à *(Trans)Localidade*, quer às Culturas Urbanas. Confirma-se, deste modo, como a criação visual encerra em si um forte potencial de construção/difusão de conhecimento e de reflexão crítica. “Atlântida”, “Perspectiva e circunstância” e “Every wall is a statement” intitulam esses três ensaios visuais, ancorados em trabalho de fotografia de 4 autores: dois visitantes da Madeira (Álvaro Domingues e Duarte Belo), em “Atlântida”; dois nascidos no Funchal, mas com trabalho também realizado e exposto em lugares exteriores à ilha, nomeadamente, Nuno Serrão, em “Perspectiva e circunstância”, e Tiago Casanova, em “Every wall is a statement”.

“Atlântida”, composto a seis mãos, reúne cinco dípticos fotográficos de paisagens madeirenses, num diálogo visual entre Álvaro Domingues e Duarte Belo, ao qual se junta um texto de Tolentino Mendonça, onde memória e reflexão ensaística dialogam também com as diferenças e as afinidades (complementares e

potencialmente perturbadoras) detetáveis nas imagens da Madeira captadas pelos olhares fotográficos dos seus dois co-autores. Este ensaio visual coloca assim em causa (desde o irónico título) o mito da existência de uma conceção única e exclusiva da ilha (utópica), não variável com a experiência subjetiva dos lugares, com a sua urbanidade e as transformações operadas pelo tempo ou até com as mudanças de perspetiva determinadas pelo ângulo de observação ou pela dialética entre recordação/esquecimento, tão própria da memória humana e fator determinante na manipulação e na modalização do nosso olhar e do nosso agir sobre o mundo. Enquanto os dípticos fotográficos mostram, sobretudo, como a observação atenta aos lugares, se colocada em contraponto com o olhar de outros, facilmente desconstrói a fronteira entre natureza e artifício, entre urbano e rural, entre o Belo e o Feio ou entre familiar e estranho, por outro lado, a memória e a reflexão inscritas nas palavras de Tolentino Mendonça alargam a questionação da rigidez dessas fronteiras a outros binómios, como ficção e realidade, Passado e Presente. Confirma-se, assim, o carácter defetivo ou até falacioso de qualquer imagem unívoca ou de qualquer narrativa singular, que exclua a pluralidade holística da experiência de um lugar. Como insinua o (sub)título do texto que acompanha as fotografias, imagens unívocas ou narrativas singulares e exclusivas da Madeira (como de qualquer outro território) apenas poderão dizer uma Madeira homogénea e absoluta que, de facto, “nunca existiu”.

Em “Perspetiva e circunstância”, Nuno Serrão cruza texto e cinco imagens, refletindo sobre a densidade espaço-temporal de lugares e captando momentos em que fios, caminhos e estradas sugerem ideias de fluidez incomensurável e de conectividades insuspeitáveis. Contudo, a fixação destas imagens no formato fotográfico, resultantes, cada uma delas, de uma perspetiva e de uma circunstância precisas – a do fotógrafo no espaço-tempo exato do *disparo* da câmara – exemplifica, numa espécie de *mise-en-abyme*, a tese proposta no ensaio. Metaforizada em estrada, sujeita a modulações circunstanciais e de perspetiva, também a fotografia se manifesta como fenómeno translocal, como *lugar-tempo* expandido, cristalizando imagens, cuja fixação, no entanto, não anula a abertura conectiva nem aos *tempos-lugares*, às perspetivas e às circunstâncias que o fotógrafo experienciou e procurou registar na sua imagem, nem aos incomensuráveis *tempos-lugares*, perspetivas e circunstâncias dos futuros observadores que aceitam retomar a viagem humana e translocal construída e potenciada por essas fotografias.

É também da dimensão translocal da Fotografia, da Arte Contemporânea e do Urbano que nos fala “*Every wall is a statement*”. Tomando como centrais, desde o título, os temas do muro e do discurso, assim como as problemáticas da fronteira, este ensaio recupera uma imagem de Tiago Casanova, enquanto enquadramento fotográfico documental da instalação homónima de sua autoria, que, entre dezembro de 2016 e janeiro de 2017, habitou a zona dos Clérigos, na Cidade Invicta. A instalação e a fotografia são aqui *re-apresentadas* pelo artista e anotadas por Ana Salgueiro, que nelas lê a instabilidade metamórfica e transitória dos fenómenos culturais contemporâneos, assim como uma eloquente reflexão visual ora sobre o carácter denso e transgressivo dos sistemas ecossocioculturais locais e urbanos, ora sobre o paradoxo e a superficialidade não raras vezes dominantes nas representações e narrativas de lugares históricos. “*Every wall is a statement*” mostra, ironicamente, como múltiplos lugares, tempos e discursos se entretecem quer no próprio processo criativo do autor, quer na produção do espaço urbano contemporâneo (do Porto e não só), distendendo-se a outros *lugares-tempos* físicos e virtuais, a outras criações artísticas e a outros fenómenos político-culturais contemporâneos, através de um continuado processo de *re-criação/re-mediação* e por via das atuais redes tecnológicas e de partilha internacional.

Os quatro textos constituintes da secção “**Ensaio**s” tomam a(s) cidade(s) contemporânea(s) como *locus* de atenção, sublinhando o carácter palimpséstico das suas arquiteturas físicas e socioculturais e o modo como nelas operam quer dialéticas de construção, destruição e recomposição ou de apagamento e reinscrição, quer dinâmicas de choque, conflito e negociação.

Paula Uglione reflete sobre uma ontologia material da memória, argumentando a relevância do *trabalho*

desta, enquanto *repetição diferencial*, na densificação dos laços sociais e das relações simbólico-identitárias que estruturam os tecidos urbanos. Distinguindo abordagens nostálgicas e utopicamente revivalistas, de outras mais abertas ao potencial crítico de maleabilidade e extensão que definem a cidade fragmentária de hoje, Paula Uglione lembra as virtudes e os perigos desse *trabalho da memória*, sempre sujeito a manipulações seletivas, à violência da disrupção e a exercícios (mais ou menos democratizantes) de revisão e remontagem do *arquivo*, das ruínas e dos vestígios locais de que se tece a memória coletiva e, com esta, também a cidade.

Corinna Dean, por seu lado, discute o modo como certos modelos de exposição, disseminação e apoio à criação artística, hoje dinamizados a escalas globais, mas com forte implicação participativa das e nas comunidades locais, constituem efetivos fenômenos de translocalidade, capazes de assumir um importante papel na *revis(ita)ção* dos imaginários identitários locais e no *re-conhecimento* do valor e da complexidade desses microssistemas ecossocioculturais, quer por aqueles que os habitam, quer junto de outros. Escapando à hegemonia especulativa do Mercado Internacional da Arte e apostando em práticas mais ecológicas e éticas de criação artística, fenômenos culturais como a Bienal de Cochim revelam as múltiplas variantes que definem os processos de globalização, ao mesmo tempo que sublinham a relevância política que a Arte pode também assumir, nomeadamente através de criação e de práticas artísticas que se manifestam a partir da experiência, da memória e de processos de coprodução (trans)locais.

Alessia Allegri analisa as várias modalidades de espaços de consumo, físicos e virtuais, entendendo-os como elementos-chave na experiência e na construção física e simbólica das cidades e do mundo contemporâneos. Neste sentido, considera-os potentes dispositivos de construção identitária urbana. As suas arquiteturas, enquanto processos e artefactos, interpretam, reconstroem e difundem os valores consumistas hoje dominantes nos sistemas ecossocioculturais urbanos, incorporando o excesso, a espetacularização e o simulacro como marcas próprias da sua inscrição na cidade que, assim, operam também na redefinição identitária de sujeitos, tribos e locais.

A secção “**Ensaio**” encerra com a reflexão de Orsalia Maria Dimitriou sobre a dinâmica social de gestão territorial comunitária implementada num parque público de Atenas, após a crise financeira de 2008 que, direta ou indiretamente, determinou mudanças significativas no centro da cidade. Ancorando a sua leitura desse fenómeno urbano no conceito de “commons” e no desenvolvimento local de “commoning practices” (ambos sem tradução direta para português ou grego), Orsalia Dimitriou acompanha uma linha de reflexão social e política, também com preocupações ecológicas, que, nos últimos anos, desenvolve a proposta de Gareth Hardin de 1968, ao transferir para a sua análise desse específico sistema ecossociocultural ateniense, a terminologia do sistema legal e administrativo britânico. Sublinha, assim, como práticas de gestão territorial contemporâneas mantêm afinidades com outras mais arcaicas e geopoliticamente distantes, as quais, no entanto, à semelhança das atuais, procuraram dar resposta a situações de crise e de vulnerabilidade socioeconómica extremas. Traçando a história desse conceito e dessas práticas sociais e políticas, sem ignorar a sua atualização a novos contextos, a autora mostra como aquele parque ateniense, objeto e cenário de conflitos vários, potenciou a emergência de dinâmicas *bottom-up* de gestão territorial, passando a ser assumido não apenas como espaço público, mas acima de tudo como território comum/comunitário, cujos recursos e valores (tangíveis e intangíveis) não seriam apropriáveis por interesses privados. Fomentando o encontro entre subjetividades, valores e práticas socioculturais diversas (por vezes, mesmo divergentes), a forma de governo comum experimentada naquele espaço urbano de Atenas, em resistência política a modelos *top-down* de gestão urbana, não ficou isenta de conflitualidade e contestação interna e externa. Antes pelo contrário, exigiu o desenvolvimento de um continuado processo negocial que, com ou sem sucesso imediato, aprofundou o (auto)conhecimento da cidade pelos seus próprios habitantes e produziu uma rede de relações e de solidariedades translocais com outros movimentos sociopolíticos e com outras geografias urbanas.

Em alinhamento com o título “**Artigos | Do Funchal**”, a secção seguinte apresenta três textos, que demonstram a dimensão translocal desta cidade insular, analisando processos históricos, culturais, socioeconómicos e políticos que a foram redefinindo entre o século XIX e o final da década de 1920. Maria Cristina H. Martins conduz-nos até meados do século XIX, para aí acompanharmos os movimentos emigratórios madeirenses para Demerara, revisitando as condicionantes e os impactos culturais, políticos, económicos e até afetivo-emocionais que esse fluxo teve quer nos locais de partida, quer junto das comunidades de chegada. Acompanhando esse mesmo movimento retrospectivo que redescobre a forte implicação de fenómenos e dinâmicas experienciados localmente nos de outros lugares do Mundo, Luís Timóteo Ferreira mostra como, no século XIX, a controvérsia médica internacional sobre o clima da Madeira, mais do que uma discussão académico-científica, foi um debate não alheio nem a preconceitos ideológicos e culturais sobre a ilha que, então, circulavam internacionalmente, nem a interesses e negociações económicos e políticos, diretamente envolvidos na indústria turística que, nesse período, emergia no Funchal, integrando a cidade numa rede alargada de estâncias de turismo terapêutico dispersa pela Europa do Norte e Mediterrânica. Por fim, Sílvia Gomes, centrando-se na leitura do semanário *Independência*, fundado em 1928 pelo controverso Visconde do Porto da Cruz, interroga o perfil regionalista e conservador dessa publicação periódica local, onde o pensamento político, a reflexão crítica e a ação cultural e propagandística do seu fundador ganham especial protagonismo. Atento ao quotidiano político, económico, social e cultural do Funchal, e sendo um acérrimo defensor de uma “política da terra” capaz de zelar pelo que Porto da Cruz considerava serem os genuínos interesses da Madeira e dos madeirenses, o discurso jornalístico deste intelectual insular desenha o perfil de uma cidade em crise e em transformação, paradoxal na convivência de um refinado cosmopolitismo turístico com as agudas fragilidades infraestruturais verificadas localmente, fosse a nível sócio-económico, fosse a nível tecnológico ou cultural. Uma cidade cujos problemas (e respetivas hipóteses de resposta), no entender de Porto da Cruz, não deixavam de se articular com outros de âmbito nacional, internacional e, nessa medida, por dinâmicas translocais.

Na secção “**Artigos | Por outras coordenadas**” publicam-se análises de dois casos de estudo: um brasileiro; outro indiano. Gloria Alejandra Guarnizo Luna com Sabrina Fernandes Melo atentam no atual fenómeno da musealização das favelas do Rio de Janeiro, colocando-o em contraponto com idêntico processo de *re-configuração/re-mediação* urbana verificado em Medellín, na Colômbia, ambos não alheios a fatores de ordem política e relacionados com os atuais interesses de exploração turística das metrópoles contemporâneas. Processos que, inevitavelmente, têm um impacto significativo nos sistemas ecossocioculturais dessas comunidades urbanas. Shorna Pal interroga o formato cinematográfico *multiplex*, enquanto espacialidade urbana que acompanha um novo modo de projeção e de receção fílmicas, massificadas e articuladas em redes globais. Discute, assim, o seu impacto nos hábitos e dinâmicas sociais da classe média de cidades de pequena dimensão, na Índia, e, conseqüentemente, na reformulação das suas identidades, fortemente condicionadas pelos imaginários cinematográficos que os filmes exibidos alimentam e cujos ecos se repercutem, virtualmente e com o apoio de novos dispositivos tecnológicos, em redes sociais a uma escala global.

Em “**Olhares Cruzados**”, secção da revista destinada à divulgação crítica de projetos culturais e/ou de trabalho de criação assinados por autores ligados à cidade do Funchal, o n.º 1 de *TRANSLOCAL. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas* destaca a obra do arquiteto Rui Goes Ferreira (1926-1978), natural do Funchal, cidade onde viria a criar um “atelier-escola”, cuja atividade, desenvolvida em franca colaboração com arquitetos não-locais de várias gerações e influências distintas, se pautou por um notável entendimento das especificidades paisagísticas, plásticas e culturais dos territórios insulares. Neste sentido, a obra de Rui Goes Ferreira manifesta um evidente perfil translocal que terá sido determinante na afirmação do sujeito, do cidadão e da respetiva obra na cena arquitetónica e urbanística da Madeira e do Porto Santo, na segunda metade do século XX. Razão pela qual Rui Goes Ferreira é também hoje considerado um dos percursos da

arquitetura moderna no arquipélago e um empenhado dinamizador de reflexão crítica quer sobre a prática e a docência da arquitetura, quer sobre a planificação urbana na região.

Assim, nesta secção, o olhar fotográfico de Duarte Belo sobre seis projetos arquitetónicos de Rui Goes Ferreira executados em Câmara de Lobos, no Funchal, no Porto Santo e em São Vicente, encontra-se com um revelador estudo assinado por Madalena Vidigal sobre a vida e a obra deste arquiteto, cujas informações são sustentadas em documentação conservada no espólio deixado por Rui Goes Ferreira. Aos olhares de Duarte Belo e Madalena Vidigal, junta-se ainda, nesta secção, o sensível testemunho de José António Paradela, amigo e um dos muitos arquitetos não-madeirenses que, colaborando no “atelier-escola” de Goes Ferreira, interrogavam, no Funchal, a Arquitetura da década de 1970 e descobriam a Madeira, o seu território e paisagens, assim como as especificidades socioeconómicas, culturais e políticas do arquipélago. Com este cruzamento de olhares diversos sobre o trabalho e a personalidade de Rui Goes Ferreira, procura-se contribuir para o reconhecimento do valor da sua obra, ainda hoje muito presente em espaços urbanos da região, apesar do quase anonimato autoral que a acompanha. Simultaneamente, pretende-se notar o modo como uma prática transdisciplinar, plural e reflexiva da arquitetura, que implica, negocia e reflete as aspirações de uma comunidade local, não é incompatível com o diálogo e a cooperação com outros e com outros *lugares-tempos*. Antes pelo contrário, a obra de Rui Goes Ferreira exemplifica claramente como esse entendimento da arquitetura reforça a possibilidade de repensar modelos, de gerar novas leituras, de (re)criar princípios, de formular e utilizar ferramentas e processos que podem introduzir diferença e reforçar o *genius loci*.

A encerrar o n.º 1 das edições anuais da revista *TRANSLOCAL. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas*, encontram-se ainda duas curtas secções: “**Diálogos**”, onde se publica o testemunho de um projeto didático desenvolvido por Maria Teresa Bagão na Escola Secundária de Estarreja, com alunos adultos do ensino noturno; e “**Sugestões de Leitura**” que inclui a recensão crítica de V. Nuno Martins ao livro *Um olhar sobre as obras e providências de Reinaldo Oudinot*, de autoria conjunta de Danilo Matos, João Baptista Pereira Silva, Raimundo Quintal e Rui Carita, publicado em 2018 pela Imprensa Académica. Maria Teresa Bagão dá conta do modo como, articulando criativamente as propostas teórico-conceituais do geógrafo Álvaro Domingues, com as orientações didáticas enunciadas no *Catálogo Nacional de Qualificações - Referencial de Formação* dos cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA), e ainda com a realidade local de Estarreja, experienciada pelos alunos da sua escola secundária, foi possível desenvolver um processo de ensino-aprendizagem que ultrapassou os portões da escola e que, em contacto direto com o território, em diálogo com a comunidade local e seguindo uma metodologia *bottom-up*, permitiu discutir as difusas fronteiras entre rural e urbano ou entre as dinâmicas escolares e a vida quotidiana naquele município, desenvolvendo um conhecimento crítico sobre o que é a (sua) Paisagem e o carácter instável e híbrido que a define. Por sua vez, V. Nuno Martins, sublinhando o interesse e a oportunidade da nova publicação editada no Funchal, chama a atenção para a atualidade das propostas que, na sequência da calamitosa aluvião de 1803, o brigadeiro francês Reinaldo Oudinot apresentou à cidade, no sentido de procurar mitigar o risco de desastre existente na ilha. Percorrendo toda a documentação reunida no livro e as respetivas anotações também aí incluídas pelos seus quatro autores, V. Nuno Martins salienta a necessidade de a Madeira visitar essas propostas, muitas delas alinhadas com as atuais perspetivas da Ciência e da Gestão de Desastre, mas ainda longe de serem aplicadas no seu território arquipelágico.

Arquipélago e Palimpsesto foram justamente duas das imagens que, apontando para articulações sistémicas complexas e nem sempre imediatamente perceptíveis, acompanharam esta nossa reflexão de *ouverture* sobre o tema de capa do n.º 1 das edições anuais da revista *TRANSLOCAL. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas*. Regressamos ainda a elas, no encerramento deste “pre.lú.di.o”, para sinalizarmos neste texto e na edição da revista agora publicada esse mesmo perfil compósito, rizomático e em permanente reelaboração. Quer os textos reunidos neste n.º 1, quer as anotações de leitura que deles aqui partilhamos com o leitor

são apenas cristalizações precárias de um conhecimento fragmentário, bem mais vasto e complexo, sobre o que são, foram ou serão quer os fenômenos de (trans)localidade, quer as culturas urbanas. Textos e imagens que, portanto, convidam ao trânsito e à transferência rizomáticas *por/para* outros textos e imagens e outras leituras, não podendo escapar ao choque e ao confronto, à negociação e à reformulação de conceitos, perspectivas e experiências.

Se a *essência* das cidades for um processo de construção de urbanidade, em que fragmentos identitários se encontram em constante atualização e remontagem, então a sua gênese poder-se-á localizar, não num lugar primordial, perdido num passado mítico, mas num *espaço-tempo* contemporâneo, compósito e dinâmico, em que aspectos ecossocioculturais distintos se *en-contram* e/ou fundem, são negociados, apropriados e remediados. Num contexto de mobilidade, transferência e contágio de imaginários e de formas físicas e sociais do urbano, onde a *cidade comum* e a *cidade global* se diluem, e em que os modos de (con)vivência quotidiana são reelaborados continuamente e localmente, através dessas dinâmicas de ligação, rutura e religação, o caráter translocal das cidades e das suas culturas emerge. Atrevemo-nos a concluir que ser translocal é experimentar e imaginar o *aqui-agora* através de processos e práticas de incorporação crítica, geradores de plurais e ambivalentes sentidos de pertença.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio (1993), *The coming community*, vol. 1, Minneapolis: U. of Minnesota Press.
- APPADURAI, Arjun (2003), "Illusion of permanence: Interview with Arjun Appadurai", *Perspecta*, n.º 34, New Haven: Yale University, pp. 44-52.
- BAUMAN, Zygmunt (2012), *Liquid modernity*, Cambridge: Polity Press.
- BECK, Ulrich (2006), *Cosmopolitan vision*, Cambridge: Polity Press
- BECK, Ulrich, Anthony GIDDENS e Scott LASH (1994), *Reflexive modernization. Politics, tradition and aesthetics in the modern social order*, Cambridge: Polity Press.
- BENJAMIN, Walter (2003), "The work of art in the age of reproducibility", *Walter Benjamin: Selected Writings*, 4, 1938-1940, Cambridge: Harvard University Press.
- BRICKELL, Katherine e Ayona DATTA (2011), *Translocal Geographies: Spaces, Places, Connections*, Farnham: Ashgate Publishing Limited.
- CRANG, Mike (2000) "Public space, urban space and electronic space: would the real city please stand up?" *Urban Studies* 37, no. 2, Newcastle: University of Newcastle, pp. 301-317.
- DOMINGUES, Álvaro (2010), "A rua da estrada", *Cidades - Comunidades e Territórios*, n.º20/21 (dez.), Lisboa: ISCTE, pp.59-67.
- GREENBLATT, Stephen (2010), "1. Cultural mobility: an introduction", Stephen Greenblatt *et alii*, *Cultural Mobility: a manifesto*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1-23.
- GREINER, Clemmens e Patrick SAKDAPOLRAK (2013), "Translocality: Concepts, applications and emerging research perspectives", *Geography Compass*, 7 (5), s.l: [University of Leicester], pp. 373-384.
- HARVEY, David (2009) "Spacetime and the World", *Cosmopolitanism and the geographies of freedom*, New York: Columbia University Press.
- LEFEBVRE, Henri (1991) [1974], *The production of space* [La production de l'espace], Oxford/Cambridge: Blackwell.
- MASSEY, Doreen (2005), *For space*, Thousand Oaks CA.: Sage.
- NANCY, Jean-Luc (2000), *Being singular plural*, Stanford: Stanford University Press.
- SOUSA SANTOS, Boaventura (1999), "A construção multicultural da igualdade e da diferença", *Oficinas do CES*, Coimbra: CES.